

---

## EXISTENCIALISMO E EXPRESSÃO LITERÁRIA: SIMONE DE BEAUVOIR

*Maria da Penha F. S. Carvalho*<sup>1</sup>  
*Márcia Regina Viana*<sup>2</sup>

### **Resumo**

A questão geral que norteou o presente trabalho diz respeito à legitimidade do estudo de romances como fonte de pesquisa filosófica. Neste texto, pretende-se acompanhar o percurso da filosofia de Simone de Beauvoir a partir da análise de suas novelas metafísicas, com o objetivo de evidenciar que estas constituem, efetivamente, um material fundamental para a compreensão do pensamento da filósofa.

**Palavras-chave:** existencialismo, Simone de Beauvoir, romances filosóficos.

### **Abstract**

The main issue that drove this work is in respect to the legitimacy of the study of romances as a philosophical research source. In this text we intend to follow Simone de Beauvoir philosophy path, from the analysis of her metaphysical novels, aiming in evidencing that those constitute, effectively, a fundamental piece to the comprehension of the philosophy's thought.

**Keywords:** existentialism, Simone de Beauvoir, philosophical novels.

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Gama Filho – RJ.

<sup>2</sup> Doutora em filosofia pela Universidade Gama Filho – RJ.

Com o propósito de tornar clara a configuração da existência como problemática central de suas obras, alguns filósofos, principalmente aqueles diretamente vinculados à corrente existencialista, utilizam (também) o romance como forma de expressar seus conceitos filosóficos. Albert Camus, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir são alguns nomes que se destacam nessa empresa. Esses pensadores/escritores se valem de histórias que reproduzem a existência, tal como se apresenta, com o intuito de problematizá-la de modo mais fidedigno.

Simone de Beauvoir é especialmente bem sucedida no propósito de retratar situações existenciais em seus romances, cujas características próprias justificam seu enquadramento na categoria de ensaios filosóficos. Essa habilidade especial em criar histórias nas quais os personagens envolvidos na trama explicitam questionamentos radicais acerca da existência, surge como consequência do posicionamento original da filósofa, qual seja, pensar a vida humana como problema. Simone de Beauvoir elege, portanto, o estilo literário do romance como o melhor modo de tratar seus conceitos. Dessa forma, surgem os *romances metafísicos*, segundo denominação da própria filósofa.

Os escritos de Simone de Beauvoir comprometem-se, sobretudo, com a existência e com a particular condição do humano de querer constituir-se sujeito soberano. Ao longo de toda a sua obra e, principalmente, nos romances, é possível observar o desenrolar do conflito intersubjetivo de conquista da liberdade. Entretanto, para a filósofa, o termo *conflito* equipara-se à noção de possibilidade existencial que cada sujeito oferece ao outro, como parcela da conquista da liberdade. Nesse sentido, o conflito pode ser visto muito mais como uma relação do que como uma batalha que requeira um vencedor. O conflito estende-se por toda e qualquer existência, já que é por ele que o sujeito define-se como soberano ou não, a partir de sua escolha, que é o que propriamente constitui a sua existência. Beauvoir alimenta sua obra (e a si mesma) desse conflito, ou dessa relação, que é, em última instância, a existência mesma.

## **SIMONE DE BEAUVOIR: ESCRITORA E FILÓSOFA**

O primeiro romance de Simone de Beauvoir, *L'invitée*, foi publicado em 1943. Apesar de ser um romance e não um ensaio filosófico, o livro apresenta conceitos importantes que fundamentam toda a problemática existencial da obra da filósofa. Em seu enredo, podem ser encontradas reflexões profundas sobre a constituição e o reconhecimento da liberdade subjetiva. É dado um enfoque privilegiado à questão do sujeito inserido em sua trajetória existencial, cuja investida ontológica precisa suportar as exigências de sua liberdade desejada. Além de analisar o sujeito, Beauvoir trata das relações intersubjetivas, como a epígrafe hegeliana do romance sugere: *cada consciência persegue a morte da outra*.

Edward Fullbrook, estudioso da obra de Beauvoir, encontra em *L'invitée* certos argumentos filosóficos presentes em *L'être et le néant* (1943) de Sartre. Assim, em um trabalho intitulado *She came to stay and being and nothingness*<sup>3</sup>, esse autor não apenas se ocupa em ressaltar os conceitos filosóficos contidos em *L'invitée*, como ainda se empenha em chamar a atenção para a influência que esse romance possa ter exercido em *L'être et le néant*. Para Fullbrook, o primeiro romance de Simone de Beauvoir é o ponto de partida para a reflexão sobre questões que envolvem a problemática existencial e serão sistematizadas mais tarde. Nessa perspectiva, assinala que, em *L'invitée*, Beauvoir já identifica três procedimentos fundamentais e que, cada um por sua vez, visa à objetivação da subjetividade ou à consciência do Outro. O primeiro deles seria a atitude que o sujeito toma em se fazer objeto do Outro. O segundo consiste em fazer do Outro seu objeto e o terceiro consiste na reciprocidade das situações, em que tanto o Um como o Outro são sujeito e objeto, tomando a igualdade das liberdades como fonte de valor.

Mais tarde, em seu primeiro ensaio filosófico, *Pyrrhus et Cinéas*, publicado em 1944, Beauvoir aprofunda o estudo da ontologia subjetiva e

---

<sup>3</sup> Capítulo do livro editado por SIMONS, Margareth. *The philosophy of Simone de Beauvoir*. Bloomington, 2006.

sua intrínseca conquista da liberdade existencial. Mergulha na idéia de uma existência absurda, cuja ontologia é revelada ao existente através de seu duplo movimento de desvelar a si e ao mundo.

Após 1944, seguem-se algumas publicações cujo tema principal diz respeito aos efeitos da guerra sobre as nações e seus cidadãos. Em 1945, escreve *Les bouches inutiles*, sua única peça de teatro na qual, além de chamar a atenção para o fato político da dominação dos fortes (poderosos) sobre os fracos (destituídos de qualquer poder social), Simone de Beauvoir já menciona a situação específica da dominação das mulheres. Ainda em 1945, é publicado *Le sang des autres*, no qual o engajamento político-partidário é o tema central.

Em 1946, Beauvoir publica um estudo que dará seqüência à discussão iniciada em *Pyhrrus et Cinéas*, que é o ensaio *Pour une morale de l'ambigüité*. Segundo Heinämaa (2006, p. 23), esse ensaio mostra a profunda compreensão dos pontos principais e dos métodos da fenomenologia de Husserl.

Naquele mesmo ano, acontece a publicação em *Les Temps Modernes* de *Littérature et métaphysique*, artigo em que Beauvoir argumenta que é uma característica própria do existencialismo a forma de expressão romanceada.

*Tous les hommes sont mortels*, também de 1946, é o único romance surrealista da autora, cujo tema principal é a impotência e as limitações humanas. Nesse escrito, Beauvoir procura mostrar que a imortalidade ou a divinização do homem não resolvem as questões da sua existência.

*Amérique au jour le jour*, de 1948, irá considerar o “american way of life” e a relação amorosa de Simone de Beauvoir com Nelson Algren, escritor norte-americano.

Mil novecentos e quarenta e nove é o ano em que será publicado *Le deuxième sexe*, obra que marca o empenho da filósofa em denunciar discriminações históricas baseadas em diferenças sexuais, assim como o seu esforço para compreender os motivos pelos quais as diferenças se tornaram

desigualdades. Esse estudo de Simone de Beauvoir é mundialmente reconhecido como o ponto de partida para as discussões sobre natureza/cultura, biológico/construção social que constituem o foco principal dos contemporâneos estudos de gênero.

Em 1951, é publicado *Faut-il brûler Sade?* – um ensaio sobre a liberdade ontológica, que discute as possibilidades de escolha do sujeito: constituir-se segundo os padrões da sociedade ou realizar um projeto descomprometido com esses padrões, como foi o caso do Marquês de Sade. Esse ensaio faz parte do livro *Privilèges*, juntamente com *La pensée de droite aujourd'hui* e *Merleau-Ponty et le pseudo-sartrisme*.

Em 1954, Simone de Beauvoir recebe o Prêmio Goncourt de Literatura com *Les Mandarins*, romance extenso que aborda tanto a problemática existencial da sociedade do pós-guerra, quanto a questão da existência em si mesma como possibilidade de vir-a-ser. Nesse romance, é possível observar a incidência de vários elementos autobiográficos, tanto de seu relacionamento com Nelson Algren, quanto com Sartre e, por isso, observamos a própria existência da filósofa como um dos objetos que compõem a problemática do romance.

Em 1958, Beauvoir inicia sua autobiografia com *Mémoires d'une jeune fille rangée*, seguida de *La force de l'âge* (1960). Mais uma vez, Simone de Beauvoir coloca a si própria como objeto de suas reflexões e, sendo assim, será fácil encontrar nesses relatos autobiográficos suas próprias situações vividas, sendo tratadas como problema.

Sartre e Simone de Beauvoir, em 1960, visitam o Brasil, e esta visita está registrada no livro de Luís Antonio C. Romano, *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Nesta ocasião, a filósofa proferiu duas conferências, uma no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Filosofia e outra em São Paulo. Nas conferências, Beauvoir “concentrou sua fala no problema da integração da mulher em todos os planos da sociedade e no (problema) da necessária ruptura com os preconceitos que,

historicamente, a situam em posição de inferioridade em relação ao homem” (ROMANO,2002, p. 143).

A retomada de sua autobiografia acontece em 1963, com a obra *La force des choses*.

Em 1964, Beauvoir traz para a literatura o tema da morte. *Une mort très douce* é o relato dos últimos meses de vida da sua mãe e também uma reflexão de como mãe e filha experimentaram a situação. Mais uma vez, Beauvoir deixa suas próprias experiências transbordarem como objeto de reflexão.

Ocorre, em 1966, a publicação de *Les belles images*, coleção de contos sobre situações femininas. A problemática feminina é retomada em *La femme rompue*, de 1969.

Em 1970, Beauvoir escolhe a velhice como tema de reflexão e publica um extenso e profundo estudo sobre essa fase da vida dos humanos no qual ela evidencia que, assim como as mulheres foram relegadas ao segundo sexo, os velhos são relegados quase à inexistência. *La vieillesse* representa um dos mais completos estudos sobre a condição de vida dos velhos e sua situação na sociedade.

*Tout compte fait* é o último volume de sua autobiografia. Nesse escrito, a filósofa retoma posicionamentos importantes que manifestou durante alguns momentos de sua reflexão.

*Quand prime le spirituel*, publicado em 1979, reúne contos dos tempos de estudante. Na verdade, seriam seus primeiros escritos, mas a filósofa só resolve publicá-los na maturidade.

*La cérémonie des adieux*, de 1981, é o último livro de Simone de Beauvoir publicado em vida. Nesse livro, ela comenta os derradeiros anos de Jean-Paul Sartre.

Após a morte da filósofa, ocorrida em 1986, sua filha adotiva, Sylvie le Bon de Beauvoir, organiza a edição de algumas obras póstumas, as quais tratam basicamente de correspondências trocadas com Sartre, Claude Lanzman e Nelson Algren. Os títulos são os seguintes: *Lettres à Sartre*,

*Correspondance croisée e Lettres à Nelson Algren: un amour transatlantique.*

## **LITERATURA E METAFÍSICA**

A expressão *romance metafísico* é usada por Simone de Beauvoir pela primeira vez em seu artigo *Littérature et métaphysique*, no qual a filósofa discute a questão da ambigüidade entre literatura e filosofia. Nesse estudo, Beauvoir comenta que

O romance se justifica por se tratar de um modo de comunicação irreduzível. Enquanto o filósofo, o ensaísta oferece ao leitor uma reconstrução intelectual de sua experiência, o romance *é* essa experiência tal qual se apresenta antes de qualquer elucidação que o romancista pretenda restituir sobre um plano imaginário. No mundo real o sentido de um objeto não é um conceito amarrado ao entendimento puro; seu sentido é o objeto enquanto se revela a nós na relação global que sustentamos com ele e que é ação, emoção, sentimento. (BEAUVOIR, 1946, p. 1154)

Essa passagem mostra claramente o ponto de vista da autora ao considerar o romance como fundamental para facilitar o entendimento de questões existenciais que movimentam o espírito humano. Isso acontece em razão da forma de expressão do romance: uma escrita preocupada em refletir as angústias existenciais do sujeito, já que é capaz de reproduzir a experiência angustiante, amarrando o sentido de um objeto do mundo a um sentido subjetivo. E é exatamente isso que faz do romance metafísico um modo mais fidedigno de problematizar a existência – a idéia de emprestar ao objeto do mundo um sentido subjetivo, diferente de abordagens filosóficas mais convencionais que tratam os objetos em seu sentido intelectual puro, desvinculado de sua situação singular na existência subjetiva.

O surgimento, nos romances metafísicos, de uma ambigüidade entre campos do saber – literatura e filosofia – deve-se ao fato de que se trata de duas formas de expressão diferentes que, freqüentemente, se chocam. Mas é justamente por essa ambigüidade que o romance metafísico pode revelar-se como capaz de inserir o leitor na discussão filosófica que cria, uma vez que transporta para a ficção objetos reais e elabora o ambiente imaginário necessário para provocar no leitor a mesma catarse intelectual que uma discussão filosófica pode provocar. Simone de Beauvoir assim traduz essa característica:

É isso que constitui o valor de um bom romance. Ele permite efetuar experiências imaginárias tão completas, tão inquietantes quanto as experiências vividas. O leitor se interroga, tem dúvidas, toma partido e essa elaboração hesitante de seu pensamento é para ele um enriquecimento, como nenhum ensinamento doutrinal poderia proporcionar (BEAUVOIR, 1946, p. 1154-5).

Uma visão conservadora a respeito da pesquisa filosófica só admite que se considerem como autênticas as abordagens tradicionais, geralmente sistematizadas em forma de tratados filosóficos “puros”. Assim sendo, não se aceita que o romance metafísico possa ser visto como uma forma de expressão filosófica. Tampouco se percebe a riqueza que pode surgir de um estudo paralelo de dois campos que tendem a ser complementares. Simone de Beauvoir, ao contrário, defende que tanto a filosofia, quanto a literatura são individualmente insuficientes para dar conta de uma reflexão séria que envolva a existência. A seguinte passagem expressa bem esse ponto de vista da filósofa:

Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico traz em si um desvelamento da existência que nenhum outro modo de expressão saberia fornecer equivalente. Longe de ser, como por vezes pretendemos, um perigoso desvio do gênero romântico, ele me parece ao



contrário, na medida em que é bem sucedido, a realização mais completa, uma vez que só pode ser bem sucedido se fracassar como pura literatura ou como pura filosofia (BEAUVOIR, 1946, p. 1163).

O autor brasileiro Franklin Leopoldo e Silva também acredita que existam algumas motivações para a criação dos romances metafísicos, todas elas objetivando facilitar o entendimento da ordem humana dos acontecimentos que é, segundo o autor, “a compreensão da existência como *condição* e da contingência como o seu *horizonte-limite*” (SILVA, 2004, p. 12). Para ele, “uma filosofia se determina, a partir de si mesma, a encontrar o modo de exprimir a correspondência entre a representação e a realidade” (SILVA, 2004, p. 12), podendo-se pensar, a partir disso, numa relação de complementaridade entre filosofia e literatura. Nesse caso, a filosofia da existência seria um campo privilegiado onde se observa a ocorrência dessa complementaridade, uma vez que, por tratar a existência enquanto problema, a narrativa mostrar-se-á como um excelente modo de apresentá-lo. Tomando a problemática existencial como obra filosófica, é por meio da narrativa que o problema é colocado; a narrativa faz o papel de exposição e conseqüente discussão do problema.

De acordo com a perspectiva de Simone de Beauvoir, um romance metafísico se confirma como um autêntico modo reflexivo-filosófico de contemplar a realidade quando elabora no leitor um *estar metafísico*, isto é, quando o convida a “realizar em si a atitude metafísica que consiste em colocar-se dentro de sua totalidade em face da totalidade do mundo” (BEAUVOIR, 1946, p. 1158).

As filosofias que não tratam a existência subjetiva como gênese de seus problemas, pensam esses problemas como existentes fora do contexto existencial do sujeito. Encontramos então o conceito trabalhado universalmente, isto é, desvinculado de sua realização no mundo físico e, por isso, não requerendo a necessidade de se recriar a sua natureza primitiva. Mas, para a filosofia da existência, a narrativa transformou-se quase em uma

exigência para sua realização, já que apresenta e reflete um existir subjetivo, vivido por um ser humano cujo sentido existencial está impregnado de seu projeto, doando-lhe um sentido singular e por isso embebido de *sua natureza peculiar*, individual.

Ao discorrer sobre a relação entre ética e literatura em Sartre, Franklin Leopoldo defende o ponto de vista de que a narrativa favorece de modo inigualável a demonstração das questões de natureza ética. Com a situação apresentada minuciosamente através da narrativa, o problema ético fica bem mais fácil de ser identificado e tratado, já que é propositalmente criado para ser analisado, mostrando-se acessível a uma razão descomprometida com a responsabilidade de constituir-se a partir desse julgamento. A situação ou as situações que requeiram uma reflexão ética são mostradas de modo íntegro e detalhado, possibilitando que todos os lados da questão sejam contemplados pela razão de forma isenta, sem o envolvimento original do sujeito com o problema, já que é uma situação que, apesar de realística, está distante da emergência da existência real do mundo dado, em que várias possibilidades se apresentam e o sujeito tem que se escolher em meio às opções que o mundo da existência comum lhe oferece.

Em Simone de Beauvoir, além de a narrativa ser usada como instrumento de investigação filosófica geral, percebe-se também, em vários momentos de seus romances, que a filósofa pensa a narrativa como um modo do existente revelar-se enquanto *sujeito moral*, que escolhe exercer sua liberdade em situação. Isso se passa quando o sujeito – o filósofo, o escritor – representado pelo personagem, lança mão da narrativa para desvelar-se e desvelar o mundo dado, viabilizando esse desvelamento pela comunicação intersubjetiva presente na trama do romance. Trata-se da narrativa como trabalho ontológico de desvelamento de si e do outro que, como o termo *trabalho* sugere, requer empenho subjetivo, um *querer desvelar-se*.

Para a filósofa, a narrativa representa um modo de inserção do indivíduo no mundo da vida, confirmando o existente em seu *ethos* – seu espaço situacional. Com respeito a esse pensamento de Beauvoir, nota-se a

intenção de compreender a atitude de falar como uma forma do sujeito lançar-se além do instante dado. A fala pretende ser um empenho ontológico que visa transcender o mesmo, e a fala intersubjetiva se constituirá em uma narração tanto do sujeito como também do mundo dado.

O *romance* metafísico mostra-se como a existência contada, narrada ficticiamente, mas de modo realístico. Trata-se de ficção não inventiva, que não ultrapassa os limites da realidade e que traz consigo um caráter metafísico porque lida com valores que transcendem a existência enquanto fenômeno. Assistimos às personagens abordarem suas angústias, darem sentido às suas vidas, engajarem-se em projetos, manterem relações intersubjetivas. E todos esses elementos são utilizados como o cenário de discussão da filosofia existencial.

Figurando como ilustração da realidade do sujeito escritor, o romance é uma ficção que mostra fatos realizáveis e totalmente possíveis, espelhada em situações que podem estar intrinsecamente vinculadas ao momento em que ocorre sua escrita. Tal fenômeno acontece porque, para o escritor, o fato recriado no romance é um problema que no momento de sua escrita está sendo objeto de reflexão. E essa característica se repete no leitor quando lê o romance. O *parecer* e o *ser* fundem-se no momento de apresentação da história do romance. Esse aspecto ambíguo é bem evidenciado por Beauvoir, na seguinte passagem:

Não é por acaso que o pensamento existencialista tenta se expressar hoje, ora através de tratados teóricos, ora através de ficção. Isso tudo é um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o atemporal e o histórico. Ele pretende amarrar o sentido ao coração da existência, e se a descrição da essência ressalta a filosofia propriamente dita, apenas o romance permitirá evocar em sua verdade completa, singular, temporal, o jorro original da existência. Não se trata aqui de explorar sobre um plano literário, verdades previamente estabelecidas sobre o plano filosófico, mas sim manifestar um aspecto da experiência metafísica que não pode se manifestar de outro modo. Seu caráter subjetivo, singular, dramático, e também sua ambigüidade, uma vez que a

realidade não é definida como amarrada apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual saberia dar uma expressão adequada. É preciso tentar apresentá-la em sua integridade, tal qual se revela numa relação viva que é ação e sentimento antes de se fazer pensamento. (BEAUVOIR, 1946, p. 1160-1)

### **A LITERATURA FILOSÓFICA DE SIMONE DE BEAUVOIR**

Em sua incursão literária, Simone de Beauvoir elabora não somente uma narrativa objetiva que reflita a vida, como também cria personagens cujas existências estão engajadas em situações realizáveis, em que a consciência do sujeito ficcional pode relacionar-se com o sujeito real, que está lendo a novela, de forma que pode acontecer um reconhecimento de situações, justamente por se tratarem de situações possíveis de acontecer na vida de qualquer sujeito. Beauvoir empresta à narrativa o caráter de problematização existencial, pois sintetiza situações que reproduzem a imagem da existência real. O *parecer* da personagem funde-se com o *ser* do leitor, criando uma imagem reconhecida como possível, viável para o leitor.

Através da narração do cotidiano, a escritora elabora uma situação em que um conceito filosófico experimentado por uma ou mais personagens é apresentado e, a partir disso, as personagens envolvidas na trama iniciam a discussão e a fundamentação do conceito apresentado. Como exemplo, tomemos uma passagem do romance *L'invitée*, em que duas personagens colocam em evidência a questão do sujeito enquanto constituinte de si mesmo. Eis o excerto: “Mas você não compreende que o que fazemos e o que somos são uma e a mesma coisa?” (BEAUVOIR, 1943, p. 294)

Essa observação, além de constituir um modo de abordar o conceito, faz parte da vivência pessoal de Beauvoir, que ela transporta para seu romance, colocando assim sua própria existência em um formato de reflexão filosófica.

---

*Existencialismo e Expressão Literária: Simone de Beauvoir*

---

Escrever, como escolha de realização ontológica, é um traço constante na obra de Simone de Beauvoir. Sob esse ponto de vista, não há como falar de sua filosofia sem considerar essa marca. Em um dos tomos de sua autobiografia, Beauvoir demonstra essa característica de abordar o conceito através da própria vivência, e a necessidade de escrever sobre o conceito, problematizando-o. Nessa ocasião, ela comenta sobre a decisão de escrever *Le deuxième sexe*: “esse livro foi concebido quase fortuitamente. Querendo falar de mim, compreendi que era preciso descrever a condição feminina.” (BEAUVOIR, 1963, p. 190)

Na medida em que consegue instituir uma relação de complementação entre a criação (o parecer) da situação existencial que acomoda um conceito filosófico a ser discutido e o próprio conceito, Simone de Beauvoir desempenha ao mesmo tempo o papel de escritora e o de filósofa da existência. Assim, a escritora cria as características ônticas próprias para a filósofa discutir ontologicamente o conceito.

Seguindo essa idéia, o romance metafísico se mostra como forma tanto possível quanto necessária de filosofia. Possível porque a metafísica, aqui considerada como especulação e conseqüente problematização da existência, investiga essa existência enquanto objeto concreto do relato literário. E, sendo esse relato o próprio discurso filosófico, é necessário que a filosofia esteja presente, permeando o discurso, de forma a orientar e organizar a discussão. O questionamento metafísico não se mostra como especulação oca, desprendida da existência, e por isso desprovida de sentido para ela, mas sim como a atitude que consiste em situar o ser em sua totalidade, confrontando-o com a totalidade do mundo.

Um dos preceitos da filosofia existencialista é que a existência é humana, portanto seu sentido é constituído pelo ser humano. A existência é a situação singular oferecida ao indivíduo para exercer sua condição de sujeito livre. Em *Les mandarins*, por exemplo, Beauvoir aproxima o fato de poder se expressar ao fato de existir, ao declarar: “se não pudesse dizer

absolutamente nada. É como se eu não existisse.” (BEAUVOIR, 1954, p. 152).

É possível inferir que, para um existencialista, o romance metafísico possa ser visto como a mais alta forma de filosofia porque é a filosofia fundada na e pela experiência vivida do sujeito concreto. Nessa perspectiva, um conjunto de idéias muito bem acomodado em um romance metafísico é uma forma de discurso filosófico. Mais uma vez o exemplo de *L'invitée* pode ser lembrado. Nele a intenção filosófica é focar o sujeito e sua existência. Na trama, é característico deparar-se com conduções prosaicas da escritora à reflexão filosófica e conceitual, como no excerto a seguir: “Os gestos de Xavière, a sua figura, a sua vida mesmo, necessitavam de Françoise para existirem”. (BEAUVOIR, 1943, p. 23). Nessa citação, a preocupação é vincular a existência ao sujeito, introduzindo a noção de que é o sujeito mesmo quem constitui seu mundo. Nesse caso, Françoise é seduzida pela existência de Xavière e, naquele momento em que estavam juntas, a existência de cada uma dependia da outra para se constituir.

Na maior parte dos romances de Simone de Beauvoir, existe a figura de um crítico que desempenha a função de analisar a própria vida e a dos outros, a figura de um pensador que mantém em suspensão os diversos valores que sacodem as existências em foco. Isso acontece na figura de uma jornalista, em *Le sang des autres*, e na figura de autor de teatro, em *L'invitée*. Em *Les mandarins*, uma psicanalista exerce essa função.

Simone de Beauvoir utiliza a escrita como expressão de seu trabalho ontológico. É preciso haver um empenho, uma mobilização do indivíduo querendo realizar seu projeto, explorando todas as possibilidades que o mundo apresenta para realizar-se. Beauvoir acredita que o sujeito é motivado, em sua existência, para conquistar o que ainda não é, e isso o impulsiona sempre a transcender-se, tomando cada momento como ponto de partida para o seguinte. Isso sugere que o encontro final do sujeito com sua realização estará sempre adiante de si mesmo, pois as suas possibilidades de realização desvelam-se por meio de seu movimento em superar-se

infinitamente. Sendo assim, a realização subjetiva é o movimento subjetivo de fazer, de superar-se, num trabalho ontológico visando ao ultrapassamento do mesmo para que a nova possibilidade de ser desvele-se. Beauvoir escrevia tomando o escrever como possibilidade de desvelar-se. Sua escrita não era apenas ficção descomprometida, mas aliava-se à idéia de investida ontológica de realização, do *querer realizar-se*. Seus personagens revelavam as características necessárias para as resoluções existenciais, que eram resultado de seu trabalho ontológico em revelar-se naquelas características. Castor, como Sartre chamava Simone de Beauvoir, é um animal trabalhador incansável que, após a resolução de seu objetivo imediato, empenha-se no seguinte. Para ele, Simone de Beauvoir encarnava o espírito construtivo do *Castor*, que nunca descansa.

Segundo a filósofa, é por meio da escrita literária que a existência subjetiva encontra a forma: a escrita parece doar forma ao sujeito. É possível encontrar esse seu ponto de vista em uma passagem de *Les mandarins*, quando Beauvoir afirma, por meio de sua personagem Anne, que “para isso é que serve a literatura: mostrar o mundo aos outros como a gente o vê” (BEAUVOIR, 1954, p. 425). Na trama do referido romance, escrever resolvia a existência de algumas de suas personagens. Beauvoir acreditava que, ao escrever sob a pele das personagens, sentia-se instalada na eternidade. Através de sua personagem Anne, Beauvoir expressa esse pensamento quando afirma que “o que conseguia pôr nas palavras lhe parecia salvaguardado absolutamente” (BEAUVOIR, 1954, p. 152).

Nessa perspectiva, é possível compreender a necessidade que tinha Simone de Beauvoir de se expressar, não apenas de forma sistemática, metódica, como convém aos ensaios filosóficos, mas era também essencial para ela criar histórias, narrar a existência com suas possibilidades, enfim, escrever seus romances metafísicos. Os romances antecipam idéias que depois se transformariam em conceitos. Porém, às vezes, os romances retomam conceitos já amadurecidos e apresentados em escritos filosóficos anteriores, com o objetivo de reforçá-los ou de torná-los mais claros.

Concluimos o presente trabalho, portanto, com a convicção de que os romances metafísicos de Simone de Beauvoir constituem material indispensável para a compreensão do seu pensamento filosófico.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. Obras de Simone de Beauvoir (por ordem de publicação)**

- BEAUVOIR, Simone de. *L'Invitée*. Paris: Gallimard, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Pyrrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Les bouches inutiles*. Paris: Gallimard, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Le sang des autres*. Paris: Gallimard, 1945.
- \_\_\_\_\_. "Littérature et Métaphysique". *Les Temps Modernes*, n. 7, 1946, p.1153-1163.
- \_\_\_\_\_. *Tous les hommes sont mortels*. Paris: Gallimard, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Pour une morale de l'ambiguïté*. Paris: Gallimard, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Le deuxième sexe* (2 vols.) Paris: Gallimard, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Faut-il brûler Sade?* Paris: Gallimard, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Les Mandarins*. Paris: Gallimard, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Privilèges*. Paris: Gallimard, 1955.
- \_\_\_\_\_. *La longue marche*. Paris: Gallimard, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Mémoires d'une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard, 1958.
- \_\_\_\_\_. *La force de l'âge*. Paris: Gallimard, 1960.
- \_\_\_\_\_. *La force des choses*. Paris: Gallimard, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Une mort très douce*. Paris: Gallimard, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Les belles images*. Paris: Gallimard, 1966.
- \_\_\_\_\_. *La femme rompue*. Paris: Gallimard, 1968.
- \_\_\_\_\_. *La vieillesse*. Paris: Gallimard, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Quand prime le spirituel*. Paris: Gallimard, 1980.
- \_\_\_\_\_. *La cérémonie des adieux*. Paris: Gallimard, 1981.



**2. Obras de outros autores**

BAUER, Nancy. *Simone de Beauvoir: philosophy and feminism*. New York: Columbia University Press, 2001.

FULLBROOK, Kate; FULLBROOK, Edward. *Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre: the remaking of a twentieth-century legend*. London: Harvester, 1993.

GUTIÉRREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

HEINÄMAA, Sara. "Simone de Beauvoir's phenomenology of sexual difference". In: *The philosophy of Simone de Beauvoir*, editado por Margaret A. Simons, Bloomington: Hypatia, 2006.

KAIL, Michel. *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris: PUF, 2006.

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ROMANO, Luis Antonio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre*. Ensaios introdutórios. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.